

A NATUREZA EGOÍSTA E A VIRTUDE NA OBRA DE BERNARD MANDEVILLE¹

The egoistic nature and virtue in Bernard Mandeville's work

Elizângela Inocência Mattos²

RESUMO

Pensar as virtudes em nome do bom funcionamento do Estado supõe enaltecer aquelas que atendam aos interesses do bom convívio, em detrimento de seus opostos. O objetivo deste artigo é, a partir da leitura do poema de Bernard Mandeville, *The Grumbling Hive* (1705), refletir sobre a presença de uma natureza egoísta e a necessidade da virtude na vida em sociedade. Por meio do texto de Mandeville, pretende-se mostrar como o egoísmo e o vício são constituintes da natureza humana e de como dão lugar a virtude, necessária para uma sociedade que almeja o bem comum.

Palavras-chave: Mandeville. Vício. Virtude. Indivíduo.

ABSTRACT

Thinking of virtues on behalf of the proper functioning State supposes extolling those that serve the interests of good relationships rather than their opposites. The purpose of this paper is to discuss the role of moral virtues in thinking about life in society, from the reading of the poem by Bernard Mandeville, *The Grumbling Hive* (1705). Through this poem, the intention is to show how the vice is thought to be inseparable from virtue and how it acts as a base for society.

Key-words: Mandeville. Vice. Virtue. Individual.

Na maior parte das vezes nossas virtudes são apenas vícios
disfarçados.
La Rochefoucauld

A virtude, compreendida como um valor positivo para o indivíduo e para a sociedade, constitui-se enquanto um importante elemento para refletir sobre a harmonia e os possíveis problemas que uma sociedade encontra em

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.253176>

² Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora do mestrado acadêmico em Educação da UFT. E-mail: elizangelamattos@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6574-9173>.

seu funcionamento. Bernard Mandeville reflete sobre as virtudes morais por meio de um caminho possível para se considerar a utilidade do vício, sendo este moralmente estabelecido como negativo para o funcionamento da sociedade. Antes mesmo de se pensar a respeito de sua defesa, apresenta-se um reconhecimento que permite considerar seu aspecto considerável na vida em grupo.

O presente texto tem como objetivo, refletir a partir do texto de Mandeville (1670-1733), considerando a argumentação do autor sobre o egoísmo como um sentimento natural e a virtude, aprendida na vida em sociedade, o que implica dizer, que ela seria um elemento alheio a natureza, ensinada para o bom convívio entre todos.

Como ponto central, o desenvolvimento do texto se fundamenta a partir das definições contidas no texto sobre vício e virtude, buscando refletir sobre a utilidade do primeiro, ainda que permaneça velado na conduta humana em lugar do enaltecimento da virtude. Elementos como egoísmo e amor próprio, constituintes da natureza humana, encontram, diante do interesse comum, um velamento ou mesmo, outra roupagem para atender, a partir da utilização das virtudes morais, os propósitos da sociedade.

Bernard Mandeville (1670 -1733), nascido em Rotterdam e radicado na Inglaterra, médico e economista, escreveu o paradoxal poema *The Grumbling Hive: or Kaneves Turn'd Honest*³ e com ele, atribuiu utilidade ao vício como elemento originário que fomenta a prosperidade, visto estar atrelado ao egoísmo natural, em oposição à perda de interesse que a eliminação do egoísmo engendrara ao indivíduo quando da vida em sociedade. Publicado inicialmente como um poema em 1705, o texto descreve a partir de uma colmeia⁴ a vida em sociedade, considerando o papel do luxo e do vício, as pai-

³ Depois desta publicação, Mandeville acrescentou nas outras edições, ensaios, diálogos e notas que resultaram na primeira edição de *A Fábula das Abelhas*, em 1714. Segue-se no presente texto a edição publicada pela editora Fondo de Cultura Económica, que contém, além do poema, observações e notas do autor, bem como dos ensaios: *Investigação Sobre a Origem da Virtude Moral, Ensaio sobre a Caridade e Investigação Sobre a Natureza da Sociedade*, assim como as críticas que o livro recebeu de alguns importantes autores. Fica evidente a preocupação com que o autor elucida suas teses, com rigor e precisão. Ao se referir à história do texto, Kaye já apontava para o cuidado de Mandeville, evidenciado nas variações que o texto encontrou em suas diferentes edições. (Cf. KAYE, 1982, p. 23)

⁴ Interessante como alguns autores tomam o reino animal para tratar de questões referentes aos homens. Assim também aconteceu em *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, publicado em 1945, no qual temas caros ao indivíduo, como a corrupção e a traição se fazem presentes.

xões egoístas como fundamentais para o êxito de uma sociedade. Nesse sentido, o paradoxo se instala, visto que o luxo, nomeadamente um vício, seria exatamente o elemento que proporciona riqueza, ou seja, aquilo que se aprende a evitar em nome do bem comum, ou mesmo considerar como danoso, constitui exatamente o que movimenta a sociedade e o ímpeto pela riqueza.

No poema, as abelhas vivem de acordo com o egoísmo e o amor próprio, compreendidos como elementos constituintes da natureza, e em um primeiro momento, a sociedade logra êxito no propósito de prosperidade e felicidade individual. Ao mesmo tempo, as mesmas vivem insatisfeitas, se enganando e pedindo aos deuses que a situação mude, de forma que esse pedido, no desfecho do texto é atendido, e a colmeia, antes próspera, encontra outra maneira de viver, sem as verdades do vício e prosperidade. Ausentes esses elementos, a virtude passa a ser determinante na colmeia, ditando a conduta de todos. Ora, como a virtude, objetivo de todos, almejada pela educação e pela religião, proposta segundo o anseio de conduzir as ações pode, ao ser determinante, resultar em infortúnio? Mas antes, outra pergunta deve ser feita: o que vem a ser a virtude?

A resposta a esta pergunta encontramos no texto *Investigação sobre a Origem da Virtude Moral* (1714), onde Mandeville comenta a argumentação presente no poema. A virtude é compreendida “como qualquer ato pelo qual o homem, contrariando os impulsos da natureza, procurará o bem dos demais e o domínio das próprias paixões diante da racional ambição de ser um homem bom”. (MANDEVILLE, 1982, p. 27).

A virtude, ou mais precisamente uma virtude positiva, sempre será para em relação com o próximo, de maneira que seu oposto, o vício, engendra exatamente as características contrárias, remetendo ao indivíduo, tendo por isso de ser evitado na vida em sociedade. Certamente que no campo da moral e do bom funcionamento da sociedade a tese se solidifica.

No ensaio *Investigação Sobre a Origem da Virtude Moral*⁵, Mandeville percorre o processo de civilização do homem que, por conveniência, ficou definido como vício e virtude. É um texto que fundamenta as teses demonstradas no poema, imprescindível para compreender a argumentação do filósofo sobre vício e virtude. O vício é definido como:

A tudo o que o homem, sem consideração pelo público, foi capaz de cometer para satisfazer algum de seus apetites, sendo que tais ações vislumbra a mesma possibilidade de que foi nociva para algum membro da sociedade e de se fazer menos servicial-útil? Para os demais; e em dar o nome de virtude a qualquer ato pelo qual o homem, contrariando os impulsos da natureza, procurara o bem dos demais e o domínio de suas próprias paixões mediante a racional ambição do bem. (MANDEVILLE, 1982, p. 27)

A definição das antagônicas virtudes morais, considerada a partir da passagem acima, constitui-se a partir da ótica do público e do privado, ou antes, da sociedade para o indivíduo, de maneira que a virtude, em acordo com o bem comum, justifica o objetivo humano. Essa preocupação em pensar o bem público a partir das paixões individuais implicaria considerar uma sociedade onde o papel do *útil* deveria ser relevante, em que o bem público seria o próprio norteador do comportamento individual. Tratar da virtude relacionando-a com as paixões seria assim tomar a sociedade “onde os indivíduos tentam garantir para si o que é útil ou agradável”. (MACINTYRE, 2001, p. 396)

Contudo, o impasse resultante dos interesses particulares e o objetivo da sociedade se dissolve a partir do intento maior em se edificar uma verdade, onde o domínio dos próprios interesses pudesse atender aos anseios da vida social. A conduta virtuosa residiria dessa maneira, na renúncia ao que se afasta dos interesses comuns, por isso:

O principal objeto que tem perseguido os legisladores e outros homens sábios que se desvelaram pela instituição da sociedade, tem sido fazer acreditar o povo

⁵ Para a referência a este ensaio, utilizamos a tradução de Álvaro Cabral, em BUTLHER, J. et. al. *Filosofia Moral Britânica. Textos do Século XVIII*. Campinas: UNICAMP, 1996, e também a tradução de José Ferrater Mora, em MANDEVILLE, B. *La Fabula de las Abejas: o los vicios privados hacen la prosperidad pública*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

que haveriam de governar que era muito mais vantajoso para todos reprimir seus apetites que deixar-se dominar por eles, e muito melhor cuidar do bem público que do que considerar seus interesses privados. (MANDEVILLE, 1982, p. 23)

Um vício que causa prosperidade e, para tanto, justifica sua utilidade em sociedade, vale lembrar, continua sendo um vício, pois não há mudança na nomenclatura deste, sendo, contudo, oportuno vislumbrar sua eficácia no funcionamento da máquina social, constituindo-se parte integrante de cada indivíduo e corroborando com as ações na vida cotidiana. Por isso, considerar as paixões humanas e seu papel seria fundamental para a felicidade da “colmeia”.

A consideração dos chamados vícios dialoga no texto, com o papel de geradores da prosperidade e teriam, portanto, de ser tratados como parte integrante da sociedade e não como elementos a serem evitados em nome do bem comum. Dessa maneira, em um primeiro momento de *The Grumbling Hive* (1705), vale dizer que “cada parte estava cheia de vícios, e todo o conjunto era um paraíso”. (MANDEVILLE, 1982, p. 14)

A moral depara-se com a questão elementar que fomenta o texto, isto é, a utilidade do vício. Mandeville se refere, por exemplo, à questão da fome, atrelando a mesma à indagação: qual seria sua função senão o alimento? Tal como acontece com o vício, o autor demonstra que os autores que se referiram à moral não se preocuparam em tratar o homem como este realmente se constitui, concentrando-se por sua vez em delegar atributos pelos quais todos deveriam se orgulhar por compor.

Ao evidenciar na colmeia os efeitos prósperos das ações egoístas, há um paradoxo que permeia o texto: os vícios, mesmo que ocultos em discursos, exercem um papel importante na sociedade, gerando riqueza e prosperidade, movimentando a economia e a relação entre todos. Por isso, “O escândalo não está em Mandeville ter escrito que todos procuram o que lhes apetece, mas sim que a boa sociedade é constituída pela união dessas buscas egoístas”. (BRITO, 2006, p. 13)

Reconhecer a utilidade do vício por parte dos *hábeis políticos* corrobora com a tese de que enaltecer a virtude é ignorar a natureza humana, dado que há efetivamente uma positividade nas buscas egoístas. A importân-

cia em se constatar o papel dos políticos habilidosos esclarece assim o propósito em se deter, a partir de um vício que possibilite a riqueza, a constituição dos aspectos artificiais pelos quais uma sociedade se edifica.

Todas as vezes em que se refere ao conteúdo subentendido da elipse de sua fórmula, Mandeville invariavelmente ressalta o papel da autoridade política no desenho e implementação de políticas e instituições que tornem o interesse privado subserviente ao bem comum. A mediação entre o barro tosco das partes e a fina porcelana do todo se dá através de um processo político que depende, por sua vez, da existência de políticos habilidosos. (GIANNETTI, 1993, p. 142-143)

Se no poema *The Grumbling Hive*, Mandeville descreve a força dos antagônicos vício e virtude em uma sociedade, tomados separadamente, no *Ensaio Sobre a Origem da Virtude Moral*, texto publicado na edição de 1714, que compõe o conjunto de textos de *A Fábula da Abelhas*, o autor aponta que a maioria dos escritores se propõe a ensinar aos homens o que devem fazer, “e dificilmente se preocupa em dizer-lhe o que realmente são” (MANDEVILLE, 1982b, p. 77). Assim, o elemento radical constituinte da obra visa demonstrar as características do homem, não somente os atributos da virtude, compreendidas como positivas, mas o que efetivamente edifica o indivíduo, em uma palavra: suas paixões.

As virtudes morais, definidas a partir dos antagonismos constituintes, devem ser consideradas por fazerem parte do indivíduo e, por conseguinte, da sociedade em que se insere. Ou seja, não somente tratar e refletir sobre o papel da virtude, mas reconhecer o vício e discutir acerca de seu papel na sociedade. Sua veia iluminista⁶ evidencia-se na própria concepção que tem sobre a origem das virtudes morais, pois na *Investigação* escreveu que “[...] quanto mais sondarmos a natureza humana, mais nos convenceremos de que as virtudes morais são a cria política resultante do cruzamento da adulação com o orgulho” (MANDEVILLE, 1996, p. 84).

⁶ Em Kaye, Mandeville é tomado como um livre pensador (KAYE, *op. cit.*, p. XIV). Ao tomar o velado vício e declarar sua utilidade para a vida em sociedade, o autor de *A Fábula das Abelhas*, até pelo caráter da obra e o efeito que encontrou quando de sua aparição, poderia justificar um homem de esclarecimento, no sentido de tirar da sombra os elementos que constituem o indivíduo, mais precisamente, do incômodo causado por chamar ao tratamento as veias escondidas da vida em sociedade.

O autor reconhece a virtude como instrumento de política e convencimento, de maneira que o papel da adulação na relação entre os políticos e os demais é fundamental, sendo um ponto em que os homens estariam suscetíveis. O caminho para a fundamentação das virtudes morais reside assim na composição arbitrária de elementos que, alheios à natureza, fomentam o intento de uma sociedade harmoniosa. Por isso que, segundo o autor, os homens do saber e os legisladores, ainda que tenham se empenhado na defesa pelo domínio dos apetites,

Admitiram, de fato, que esses impulsos da natureza eram muito presentes, que era embaraçoso resistir-lhes e muito difícil subjugar-los totalmente. Mas usaram isso apenas como um argumento para demonstrar até que ponto era gloriosa a vitória sobre esses impulsos, por um lado, e escandalosa a tentativa de não o tentar, por outro. (MANDEVILLE, 1996, p. 79-80)

O reconhecimento dos impulsos naturais e o argumento em defesa da superação humana sobre eles constituíram assim o alicerce pelo qual se edificaram as virtudes morais e, nessa composição social, o autor destaca o prazer, por exemplo, sentido pelos homens ao serem elogiados⁷. O luxo, tomado como útil à sociedade tal como o poema descreve, ao orientar a geração a riqueza, fomenta o poder de compra dos indivíduos e permite que seja tomado como um vício útil, no sentido de *servir como antídoto à avareza e à mesquinhez*⁸.

Se a pertinência do luxo em uma sociedade se justifica a partir dos interesses econômicos e de prosperidade da mesma, importa compreender em que consiste esse elemento:

Há de chamar-se luxo (como deveria ser estritamente chamado) cada coisa que não é imediatamente necessária para capacitar o homem para sobreviver como um ser vivo que é, não há outra coisa que exista no

⁷ Em nome do interesse público, os legisladores e os homens do saber defenderam a necessidade em se dominar os apetites. Decobriram para tanto que “[...] a adulação era o argumento mais poderoso que podia ser usado para as criaturas humanas”. (Cf. MANDEVILLE, 1996, p.79).

⁸ Cf. ARTHMAR, 2003, p. 94. A utilidade do vício, sob essa perspectiva, possibilita usurpar elementos tidos como negativos para o indivíduo e, de outro lado, corrobora-se com a tese de que não é possível pensar uma sociedade onde as virtudes morais não sejam edificadas a partir da superação de elementos naturais, da imposição da virtude em detrimento do vício.

mundo, mesmo entre os selvagens nus, nos quais pouco provável seja que a partir desta época não tenha melhorado em algo sua antiga maneira de vida, seja na preparação de seus alimentos, a distribuição de suas cabanas, ou ao menos acrescentar algo que, em outros tempos, consideraram suficientes. (MANDEVILLE, 1982, p. 67)

O argumento considera o egoísmo humano e, além disso, a pertinência do luxo para a sociedade, ao demonstrar que este se constitui como útil sem, no entanto, ser necessário para a sobrevivência humana, tendo assim atribuído sua presença aos ensejos de melhoria e qualidade de vida. Dessa forma, desnecessário para a sobrevivência e útil para a prosperidade, tal como os elementos artificiais que fomentam a moralidade, o luxo, ainda que evitado, ou antes compreendido como desnecessário, compõe a estrutura da economia. Um vício danoso do ponto de vista ético, ironicamente constitui a prosperidade.

De um lado, a virtude, ao nortear o desempenho que cada indivíduo realiza quando, contrariando os impulsos da natureza, proporciona o bem aos outros e de outro, o vício, parte do interesse individual, da ânsia por satisfazer os próprios apetites e por isso poderia vir a causar mal aos outros. Assim, como podemos apreender, o vício se atrela ao interesse individual, ao passo que a virtude se consolida diante dos intentos do bem comum.

Vivendo na prosperidade do vício, as abelhas reclamavam a própria sorte, pois embora úteis, estavam, do ponto de vista da moral, desordenadas, vivendo em uma sociedade próspera onde todas estavam empregadas, mas enfraquecidas moralmente. Assim, no poema:

Tais eram as bênçãos daquele Estado: seus pecados trabalharam juntos para *tornar grande a virtude, que com a política tinha aprendido de mil truques, foi por sua feliz influência, amiga do vício*, e desde então, até mesmo o pior da multidão, fazia algo para o bem comum. (MANDEVILLE, 1982a, p. 15, grifo nosso)

A passagem em destaque apresenta aspectos importantes à ideia proposta. Primeiro, a virtude aprende algo com a política, o que confirma a tese das virtudes consideradas artificiais, uma vez que necessárias ao funcionamento da sociedade e seu papel elucidado pelas mãos de hábeis políticos,

sem fazerem parte da natureza. Segundo, a virtude como amiga do vício, de maneira que podemos apreender os antagônicos elementos em acordo com a proximidade de ambos, de onde sucede não ser possível que um exista sem o outro, mas tão somente um em detrimento de outro ou, em outras palavras, a defesa da virtude em nome do bem comum e a eliminação do vício, por se tratar de um elemento negativo para a vida em sociedade. Por último, mesmo o ser menos virtuoso poderia ser útil ao bem comum, podendo então compreender principalmente a utilidade do vício e não somente da virtude para se pensar o bem comum. No prefácio do poema, Mandeville (1714) escreveu que:

Assim aqueles que estudam detidamente a natureza do homem, prescindindo da arte e da educação, poderão observar que o que faz um animal sociável não é seu desejo de companhia, bem natural, piedade, afabilidade e outras graças de boa aparência, senão que são suas características mais vils e odiosas as mais necessárias perfeições para equipá-lo para as sociedades maiores e, segundo o mundo, mais felizes e florescentes. (MANDEVILLE, 1982, p. 5)

O desenvolvimento do texto pressupõe ser o vício útil e revertido ao bem comum por possibilitar a riqueza e a empregabilidade de todas as abelhas. Ele era revertido para todos, considerando o auto interesse e o egoísmo inerentes ao indivíduo para com a sociedade. Assim, as paixões humanas eram reconhecidas e colocadas a serviço da colmeia. A prosperidade desta sociedade (até o momento da decisão de Júpiter, onde tudo muda radicalmente), permite-se refletir sobre uma escolha possível entre eles, ou antes, a junção e o decorrente equilíbrio entre as virtudes morais. Pois, tanto vício como a virtude, seriam necessários e, optar por somente um levaria, de um extremo ao outro, tal como o desfecho do poema demonstrou, à infelicidade da colmeia, do ponto de vista econômico primordialmente.

Assim, “o argumento mandevilliano deriva sua força de um exercício contrafactual. À sociedade que aí está – próspera e dinâmica, porém corrupta – é contraposta uma outra, hipotética, repleta de virtude, porém estagnada e medíocre” (GIANNETTI, 1993, p. 173).

O autor de *A Fábula das Abelhas* parece sugerir, ou mesmo provocar o leitor diante do dilema das virtudes morais e a riqueza de uma sociedade,

incitando mais à reflexão do que propondo um modelo no que se refere à conduta dos indivíduos. Ao tomar o vício como útil à sociedade, encontrou a recepção de ter publicado uma obra escandalosa⁹ e, por isso, delegada ao esquecimento por muitos.

As características elementares do humano são consideradas para se pensar a sociedade na obra de Mandeville. Assim, àquilo que o homem é, em todos os aspectos, constitui a sociedade em que se vive, ainda que alguns desses elementos sejam usurpados de sua demonstração, ou seja, o que o homem *deve* ser, não se coaduna perfeitamente ao que ele verdadeiramente é.

A surpresa de sua obra consiste em demonstrar assim a utilidade do vício, sua pertinência, e mais, sua força esmagadora mesmo diante dos princípios e trâmites morais, edificadores da boa conduta. Ao fazer uso do paradoxo em sua obra, o autor das *Fábulas* demonstra que o egoísmo humano e, por conseguinte, os vícios dele decorrentes, oferecem resultados benéficos para a sociedade. Assim, a fórmula vícios privados e benefícios públicos¹⁰ carregam o progresso da sociedade em decorrência do que se aprende a nomear enquanto vício.

Talvez seja oportuno retornar ao aspecto escandaloso da obra quando da aparição do texto, apontada anteriormente, pois o paradoxo apontado acima já em si demonstra a capacidade positiva do vício¹¹, contudo, é exatamente nisso que parece incitar o leitor a ultrapassar o estabelecido para alcançar os efeitos das virtudes morais em uma sociedade. Dito de outro

⁹ Assim Kaye escreveu: “*A Fábula das Abelhas* foi um escândalo público”. p. lxvi. Giannetti, ao referir-se ao texto quando de seu reaparecimento nove anos mais tarde da publicação do poema de 1705 como aquela que “acabou se tornando um dos maiores, se não o maior, *succès de scandale* em um século notório pela ousadia e prodigioso vigor de sua vida intelectual.” Cf. FONSECA, E. G. *Vícios Privados, Benefícios Públicos?* A Ética na Riqueza das Nações. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 p. 134.

¹⁰ Na nota que antecede o prefácio do poema *A Fábula das Abelhas*, Kaye descreve autores que, anunciaram este conceito que compõe a fórmula de Mandeville. Assim, Montaigne, Carron, Bayle e outros escreveram sobre a possível utilidade do vício no século XVII. No entanto, continua Kaye, tais antecipações se detiveram em demonstrar o modo como o indivíduo poderia transformar uma paixão ruim em uma virtude pessoal, ao passo que Mandeville, enaltece a influência do vício na sociedade. Mandeville, em uma carta de 1732 se refere a fórmula: *vícios privados, benefícios públicos*, e que um sentido perfeito para a mesma seria que, nem todo vício é um benefício público, mas alguns vícios podem, mediante cuidadosa regulamentação, produzir bem social. Cf. KAYE, 1982, p. 4.

¹¹ Em *A Letter Dion*, Mandeville defende seus argumentos contra a acusação de *A Fábula das Abelhas* ser considerado um livro perverso, que encorajava o vício e se mostrava pronto a corromper o país. Cf. Mandeville, Bernard. *A Letter Dion*. London: J. Roberts, 1732.

modo, exatamente aquilo que não se deve do ponto de vista moral, é o que consiste (ironicamente) a riqueza de uma sociedade.

Os desdobramentos do egoísmo humano conseguem mover a sociedade no ímpeto da prosperidade, ao passo que seu contrário, aquilo que de fato deve ser em acordo com os atributos morais e do bom convívio, resulta no enfraquecimento da capacidade de se produzir riqueza. Tem-se então precisamente lançado, de modo preciso, um escândalo pelo poema em questão: tratar do que se sabe existir, contudo, apontando os benefícios daquilo a que se aprende a evitar.

A conduta moral, extremamente severa do ponto de vista do indivíduo e consequência de sua formação, propõe que se pense a ordem e o bem comum a partir da exigente renúncia aos elementos de sua natureza, precisamente das paixões. Diante dos antagônicos bem e mal, não seria possível supor uma imutabilidade de estados frente à dinâmica da sociedade que, ao pautar-se na experiência, observa que são estes variáveis¹² e temporais.

Considerações Finais

A compilação dos textos que compõe a *A Fábula das Abelhas*, encontrou nas edições de sua publicação a adição de textos do autor, no intuito de se responder e atender ao debate suscitado pela aparição do poema, pelo fato de seu desdobramento ecoar firmemente no que o argumento do poema toma sobre a utilidade do vício. Como buscamos refletir, alicerçado no egoísmo, o autor descreve o paradoxo das virtudes morais. Primeiro, atrela-se à tese da pertinência do vício, atende-se aos anseios de uma sociedade e seu intento de riqueza e, segundo, levando em consideração a incompatibilidade deste elemento com as virtudes que deveriam nortear a conduta humana. Em suma, o conflito permanente do que *consiste* o ser e o que ele *deve* ser.

Certamente que o aspecto radical e irônico ao se tomar a sociedade de abelhas para pensar as ações humanas, manteve Mandeville distante da opinião de sua época, e mesmo, da referência por parte dos filósofos morais do século XVIII. Ao formular o chamado egoísmo ético¹³, o autor, ainda que

¹² KAYE, 1986, p. XXXVII

¹³ Sobre o egoísmo ético em Mandeville, ver a análise de Eduardo Giannetti da Fonseca. (1993, p. 134)

a primeira versão do poema tenha passado de maneira silenciosa, encontrou na fórmula paradoxal dos vícios privados, — por esses permitirem benefícios públicos — um modo direto de remeter o leitor a uma permanente reflexão sobre o que é útil e o que é bom, reconhecendo para tanto seus antagonismos, mesmo tomando como base o contexto da sociedade onde vivia.

Importa-nos enfatizar que, a aplicabilidade do vício com o objetivo de prosperidade, justifica-se diretamente ao seu empenho e ação no campo da economia.

A capacidade dos vícios em prover o sustento de um amplo contingente da população, tomada muitas vezes como a mensagem central de Mandeville, não passa, a rigor, de um pressuposto de sua análise econômica. Em realidade, a defesa da luxúria que empreende possui um grau mais apurado de elaboração — infelizmente, pouco mencionado na literatura —, abrangendo o problema crucial das condições subjacentes à estabilidade da demanda agregada. (ARTHMAR, 2003, p. 93)

Há, para tanto, o importante papel da economia de mercado, que encontra riqueza e prosperidade na utilidade das virtudes morais. O desafio reside certamente dos mundos possíveis da colmeia: atrelar as paixões ao funcionamento da sociedade. Um conflito ou mesmo o tão presente efeito do paradoxo que a obra apresenta, pois o útil, em outras palavras, distancia-se do que atende aos interesses éticos. Assim,

Qual a natureza da relação entre o ético e o útil? Para os adeptos do egoísmo ético, o entrechoque dos vícios privados conduz ao benefício público, desde que devidamente coordenado e neutralizado pelo mecanismo de mercado. A *alquimia divina* de Mandeville e a *mão invisível* smithiana na economia de Chicago existem para mostrar que o elo entre ético e o útil foge aos padrões de uma relação causal direta. O desejado é o combustível do desejável. (GIANNETTI, 1993, p. 173)

Os vícios privados, responsáveis por gerar riqueza e movimentar a sociedade, permitem benefícios consideráveis. Assim, a lei de oferta e demanda ao regular o auto interesse, reconhece o egoísmo humano e o desafio

em atrelar seus interesses ao bem comum. Contudo, ainda que o egoísmo constitua o cerne de cada um, o autor alcança em uma virtude, o caminho possível para alcançar o bem comum. No *Ensaio Sobre a Caridade*, escreveu que:

A caridade é a virtude que nos leva a transferir parte desse sincero amor que nos professamos, puro e sem mistura, à outros seres pelos quais não nos unem os laços de amizade ou parentesco, simples desconhecidos aos quais não temos nenhuma obrigação e de quem nada esperamos. (MANDEVILLE, 1982, p. 165)

Segundo a reflexão sobre o papel dos vícios privados, ou seja, aqueles que não atendem aos princípios da ética por configurar o objetivo principal do indivíduo sobrepondo ao bem comum, permite, para além da análise econômica, uma abordagem que, sem considerar o que é útil, centralizar-se no aspecto ético e, possivelmente nesse aspecto, a crítica demonstre aspectos da natureza humana que disfarçam o interesse ao determinarem as relações a partir de elementos virtuosos.

Ao tomar o vício como útil à colmeia, assegurando-se assim que a linha entre a utilidade e a ética é de longe um percurso distante, o autor nos remete a uma questão fundamental, a de que não seria possível edificar deveres para a vida em grupo sem antes tratar do que de fato constitui a natureza de cada integrante.

Com o paradoxo apontado, Mandeville remete a discussão ao conflito que edifica a sociedade: liberdade e utilidade, a ética e o que é útil, o interesse individual e o bem comum. Enfim, os antagônicos que permeiam a obra, e mais ainda, comprovam a tese de que não somente o enaltecimento de um desses elementos constitui o caminho, mas também em reconhecer seus opostos e sua evidente presença na sociedade.

Em uma definição do autor das *Fábulas* feita por Kaye, oportunamente situa o autor e o propósito de suas reflexões, ao tomar seu pensamento “como uma combinação filosófica de anarquismo na teoria e utilitarismo na prática” (KAYE, 1982, p. 36).

O empreendimento de Mandeville logra êxito ao expor, de um lado e de outro, do vício e da virtude, a sociedade e seu funcionamento, sem omi-

tir-se no momento de descrever as peças que a compõe, ou seja: do que caracteriza o humano, suas capacidades e formalismos, a fim de atender aos princípios éticos demarcados para o bem social.

O autor oferece ainda um importante subsídio para se pensar uma sociedade liberal e individualista a partir do chamado egoísmo ético, expressão essa que certamente mereceria um desenvolvimento mais detalhado, mas, sob o propósito de delimitar o escopo da exposição, a tomamos como efeito do conflito entre o útil e o ético, do indivíduo e do bem comum.

A importância do vício demonstrada no poema e a utilização das virtudes morais por partes dos *políticos habilitados*, a fim de construir modos de regulamentações das ações humanas, — a conduta ética e os modos de controle — edificam-se na renúncia das paixões. Dito de outro modo, o que corrobora a conduta ética repousa na força preponderante da renúncia do egoísmo constituinte.

Mandeville, porém, não nomeia os políticos hábeis, e nem discute atos históricos desses. O seu político hábil não é uma figura histórica, ou um grupo de figuras históricas, mas sim todos aqueles que, através da história, habilmente, se utilizaram das paixões das pessoas para legislar em causa própria, isto é, a favor de suas próprias paixões. (BRITO, 2006, p. 36)

Pautada no egoísmo natural, a tese alcança os chamados elementos artificiais e, portanto, distintos da natureza e constituintes na formação e ordenamento da sociedade. Contudo, essa mesma sociedade, inserida nos princípios éticos para o bem comum, estabelece-se a partir das paixões humanas, mesmo que tenha em seu objetivo principal defender o contrário. Dessa maneira, a moralidade carrega em si as paixões e, se a defesa por seu completo controle é tida em altos brados, aquele que a defende se utiliza dessas últimas para justificar sua força.

Se em um primeiro momento as abelhas se movimentam, demonstrando a riqueza econômica em decorrência da utilidade do vício, isso possibilitou um conflito do ponto de vista ético, assim, a colmeia ruidosa passou a dar lugar à mudança, resultado da decisão de um deus que atende seu pedido, tornando-a uma colmeia virtuosa e sem conflitos éticos, contudo, sem a existência próspera de outrora.

Ao ultrapassar a abordagem da obra para além do âmbito económico, o poema *The Grumbling Hive: or Knaves Turn'd Honest* permite uma reflexão sobre as virtudes morais para se pensar um possível equilíbrio entre suas forças antagónicas, pois, como o poema descreve, extirpar o vício seria o mesmo que parar o funcionamento do ‘relógio’¹⁴.

O debate que a obra de Mandeville permite, entre outras discussões, confirma o paradoxo permanente que compõe a sociedade: da capacidade humana e a vida em sociedade, considerando para tanto o papel primordial das paixões, não somente como ponto de partida ao qual decorrem as chamadas virtudes morais, mas também como de chegada, ao se considerar o interesse da vida em grupo. O paradoxo de que os vícios privados resultam em benefícios públicos constitui-se como tal diante do cunho conservador da sociedade, que mais prefere mascarar o que lhe envergonha a reconhecer o vício como sua parte constituinte.

Recebido em 30/11/2021

Aprovado em 02/12/2021

REFERÊNCIAS

ARTHMAR, R. Mandeville e a Lei dos Mercados. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 12, n.1 (20), p. 87-107, jan/jun. 2003.

BRITO, A. R. T. *As Abelhas Egoístas: Vício e Virtude na Obra de Bernard Mandeville*. 2006. 149f. Tese (Doutorado em Filosofia). São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, 2006.

FONSECA, E. G. *Vícios Privados, Benefícios Públicos? A Ética na Riqueza das Nações*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KAYE, F. B. Introducción. MANDEVILLE, B. *La Fábula de las Abejas o los Vícios Privados Hacen La Prosperidad Pública*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

¹⁴ A metáfora usada por Mandeville para descrever a sociedade é o relógio. Assim, “a sociedade pode ser comparada a um relógio, instrumento que demorou a ser planejado, construído e aperfeiçoado, mas que, depois de montado e posto a funcionar, não precisa mais quase de intervenção externa. Tentar melhorar o relógio enquanto este estiver funcionando levaria com certeza à sua parada”. (BRITO, 2006, p. 20)

MACINTYRE, A. *Depois da Virtude: Um Estudo em Teoria Moral*. Tradução de Jussara Simões, revisão técnica de Helder B. A. de Carvalho. Bauru: EDUSC, 2001.

MANDEVILLE, B. *The Fable of the Bees and Others Writings*. Cambridge: Hackett, 1997.

MANDEVILLE, B. Uma Investigação Sobre a Origem da Virtude Moral. BUTLHER, J. et al. *Filosofia Moral Britânica. Textos do Século XVIII*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1996.

MANDEVILLE, B. *La Fabula de Las Abejas: o Los Vicios Privados Hacen La Prosperidad Pública*. Traducción de José Ferrater Mora. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

MANDEVILLE, B. *A Letter Dion*. London: J. Roberts, 1732.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).